

DP. ex. 44

R. auto
F. L. Dep.
Cr. auto

CONFLUÊNCIA

ISSN 1415-7403

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DA LUSOFONIA

Per multiplum ad unum



SEPARATA
N.º 20 - 2.º semestre de 2000 - Rio de Janeiro

EDITORIAL

Dr. Antônio Gomes da Costa

Universidade da Lusofonia

Um, o Real Gabinete Português de Leitura, foi fundado 15 anos depois de proclamada a Independência do Brasil, em 1837; o outro, o Liceu Literário Português, três décadas depois. Os objetivos iniciais das duas instituições eram convergentes: propunham-se dar aos emigrantes portugueses, que chegavam com baixo índice de escolaridade, ou até sem nenhuma, condições de aprender a ler e a escrever, bem como de melhorar os seus conhecimentos.

Esses objetivos não tardaram a ser ampliados: o Liceu passou a cuidar também do ensino de artes e ofícios e o Gabinete transformou-se em biblioteca pública e em polo de referência da cultura portuguesa no Brasil.

Em épocas mais recentes, para além de suas atividades tradicionais, as duas entidades foram assumindo uma nova dinâmica: a primeira, como centro de estudos da Literatura e a segunda, como espaço de excelência para a pesquisa da História e o conhecimento da Língua.

Poder-se-á dizer, revendo a trajetória do Gabinete e do Liceu, que temos motivos para nos orgulharmos do que foi feito, ainda que muito haja por fazer. Mas a verdade é que nenhuma outra “colônia” realizou no Brasil, ou em qualquer país, uma obra associativa tão importante nas diversas vertentes em que se concretizou: foi na instrução e na cultura, foi na assistência e no desporto, foi na mutualidade e no âmbito social.

Entretanto e da mesma forma como tivemos de dar, não faz muito tempo, outra utilização ao equipamento associativo – uma biblioteca não poderia ser mais um simples “depósito de livros”, nem um Liceu poderia limitar-se a seguir os currículos do 2º grau, ou a ministrar cursos profissionalizantes–, também agora precisamos projetar para o futuro outras trilhas e arriscar novos desafios.

Para isso é imprescindível a modernização e são indispensáveis ferramentas que nos oferece a informática. E ainda atualizar objetivos. Não faz sentido, por exemplo, manter uma biblioteca para atender a meia-dúzia de emigrantes que procuram ler os jornais de sua terra. Nem tampouco se justifica um investimento como o do Liceu para oferecer, num curso supletivo, aulas de datilografia ou de contabilidade.

É dentro dessa linha de pensamento que está a ser criada uma espécie de “Universidade da Lusofonia”, que, nos moldes da Universidade das Nações Unidas, irá funcionar direcionada para o estudo, a reflexão e o debate de temas que interessam aos países de Língua Portuguesa. Não será uma universidade como as tradicionais, com currículos fixos e cargas horárias; com salas de aula e avaliações do Ministério da Educação, para formar profissionais nas áreas do Direito ou das Letras, da Engenharia ou da Medicina, das Ciências ou da Comunicação. A “Universidade da Lusofonia”, tal como a concebemos, não terá alunos, nem professores; não terá laboratórios, nem exames finais. O que se pretende, com ela, é reunir periodicamente os especialistas de um determinado assunto de interesse comum aos nossos países, analisá-lo e debatê-lo, trocar experiências e apresentar conclusões. Do desenvolvimento econômico ao inventário ambiental; do sistema de habitação à pesquisa científica; da diversidade lingüística ao acervo documental; das políticas de cooperação à geografia da pobreza, não faltam temas da maior importância para a construção do futuro dos povos de Língua Portuguesa.

Observe-se que, curiosamente, no quadrante associativo luso-brasileiro fomos pioneiros com as bibliotecas dos gabinetes de leitura, com os hospitais filantrópicos das Beneficências, com os Liceus e os clubes, com as Casas de Portugal e as caixas de socorros mútuos. Pois também com a “Universidade da Lusofonia” iremos sair na frente.

I
I
n
ta
E
a
L
In
co
e a

NOTICIÁRIO

JOSÉ HERMANO SARAIVA
NO LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

Antônio Gomes da Costa

Incumbiu-nos o Sr. Presidente da Diretoria de fazer a apresentação do Prof. José Hermano Saraiva, orador oficial desta sessão solene comemorativa do aniversário do Liceu Literário Português. E a nossa primeira reação foi a de que essa apresentação era perfeitamente dispensável. De um lado, porque a maioria dos presentes teve a satisfação de conhecer o Prof. José Hermano Saraiva quando da sua estada no Brasil como Embaixador de Portugal. E do outro, porque aqueles que então não conviveram com ele, não ouviram seus discursos notáveis pronunciados no Real Gabinete Português de Leitura ou na Academia Brasileira de Letras, têm tido oportunidade de assistir, pela televisão, os seus magníficos programas que dão testemunho, semanalmente, não só de seus profundos conhecimentos da História, da Literatura, da Geografia, das Artes, da Mitologia, etc., mas também do dom extraordinário que possui de passar aos telespectadores aquilo que eles gostam de ouvir pelas palavras de outrem – como ele costuma dizer.

Assim sendo não tem sentido nesta noite a apresentação do orador. Citemos, entretanto, apenas alguns elementos de sua biografia. Nasceu em Leiria. Licenciou-se em Direito e em Ciências Histórico-Filosóficas. Foi professor e mestre a vida inteira – no Liceu e na Universidade Técnica de Lisboa. Foi deputado à Assembléia Nacional, procurador à Câmara Corporativa, Ministro da Educação Nacional de 1968 a 1970 e embaixador de Portugal no Brasil de 1972 a 1974. Membro de diversas instituições, como a Academia das Ciências de Lisboa, de que foi Secretário Geral; da Academia Portuguesa de História; do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e do Instituto Histórico de S. Paulo. Escreveu dezenas de obras, umas de Direito, outra de Pedagogia e a maior parte de História: a “Revolução de Fernão Lopes”; a “História concisa

de Portugal”, da qual já foram editados mais de 200.000 exemplares; “Elementos para uma nova biografia de Camões”; “Outras maneiras de ver”; “Proposta de uma cronologia para a Lírica de Camões”; “O tempo e a Alma – itinerário português”; “Semblantes de Lisboa”; “Portugal visto do céu”; e muitas outras, sendo a última, aquela que considera o “canto do cisne”, um trabalho admirável sobre a “Mitologia grega” que vem de ser editada em Lisboa. São ao todo mais de 40 títulos, marcados sempre por um pensamento vigoroso e inovador.

Mas a par dessa admirável obra literária e de incessante investigação estão as séries de programas que concebeu e apresentou na rádio, primeiro, e depois na televisão, que alcançaram índices de audiência excepcionais e o aplauso dos críticos especializados.

Acrescente-se, ainda, que o Prof. José Hermano Saraiva é “Doutor Honoris Causa” por várias Universidades, 7 das quais do Brasil e membro de diversas academias estrangeiras.

A personalidade rica e sedutora; a sua vida repleta de episódios aliciantes; seu poder de comunicação; o seu trato afável; o seu jeito de dizer e de contar; o seu talento e a sua vocação de ator, como há poucos dias dizia o Breyner ao entrevistá-lo, ao que ele acrescentou: “ator, sim, pode ser, mas ator que cria o próprio papel” – tudo isso nos levaria longe ao fazer a apresentação merecida do Prof. José Hermano Saraiva. Mas, para terminar, permitimo-nos apenas lembrar um episódio a que muitos de nós assistimos, vivido também numa associação luso-brasileira – o Clube Português de Niterói. Foi assim. A cidade recebia a visita oficial do Sr. Embaixador de Portugal. Engalanara-se, como era costume naquele tempo. As autoridades civis, militares e eclesiásticas partilhavam da alegria da nossa comunidade. Esta oferecia um almoço no Clube e estava presente como convidado de distinção o Bispo de Niterói, que era considerado, mui justamente, um dos maiores oradores sacros do Brasil. O Embaixador já vinha d’além-mar ornado de fama de ser também ele um soberbo orador. E talvez com uma ponta de malícia – ou não era malícia porque era um Homem puro de caráter – o Sr. Vice-Cônsul de Portugal, Com. Antonio Noronha pediu ao representante da Igreja para fazer a saudação de praxe ao Embaixador de Portugal. E não desmerecendo da fama de grande orador, o Prelado fez uma alocução magnífica. As palavras saíam-lhe aos cachões, como a água da nascente. Colocou Portugal e a gente portuguesa no cume. Recordou a História, a missão, o valor de uma cultura, o heroísmo de um povo, e depois trasladou tudo para em apoteose dar as boas vindas ao novo Embaixador.

Quando terminou, o salão irrompeu em aplausos. Era um discurso inultrapassável na beleza a forma e na propriedade dos conceitos. Mais palmas, abraços, cumprimentos. O Sr. Embaixador levantou-se e agradeceu-lhe emocionado.

Depois era a sua vez. E empolgado pela peça que ouvira respondeu à altura. Já não era água da nascente, era o oceano de azul transparente, com toda a sua infinita dimensão, era o vernáculo e a graça, a vibração e a cor, o gesto e o teatro. E, quando terminou, foi uma apoteose. De pé centenas de pessoas aplaudiram. Muitos choravam. De alegria e de orgulho. O Bispo de Niterói, diplomaticamente, confidenciou: “Excelência, nunca ouvi igual”, no que o Embaixador, com humildade cristã, retrucou: “foi um bonito empate”.

(Discurso de apresentação do orador das comemorações do aniversário do Liceu Literário Português, Prof. José Hermano Saraiva, no dia 12 de setembro de 2000, pronunciado pelo Dr. Antônio Gomes da Costa.)

*

PROFESSORES EMÉRITOS DA UFF

Na Reitoria da Universidade Federal Fluminense realizou-se a 10 de janeiro de 2001 a cerimônia da entrega dos diplomas de Professor Emérito a cinco antigos integrantes do corpo docente do Instituto de Letras: Evanildo Bechara, Maria Helena Peixoto Kopschitz, Maximiano de Carvalho e Silva, Rosalvo do Valle e Sílvio Elia (*in memoriam*, representado na ocasião pela sua viúva, Professora Maria José da Fonseca Elia). Os títulos respectivos foram conferidos em datas diferentes pelo Conselho Universitário da UFF, após exame dos processos de que constaram as aprovações prévias, com altos louvores aos homenageados, dos Departamentos a que estiveram vinculados, do Colegiado da unidade e do Conselho do Centro de Estudos Gerais, de que faz parte o Instituto de Letras.

No correr da sessão preparada pelo cerimonial da Reitoria e prestigiada com a presença de dirigentes dos principais setores da UFF e de público numeroso, em que se destacavam expressivas figuras do magistério superior no Brasil, saudou os homenageados o Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa, decano do corpo docente do Instituto de Letras, ressaltando os principais aspectos da atuação de cada um deles, como professores titulares de Língua Portuguesa (Evanildo Bechara e Sílvio Elia), de Literatura Inglesa (Maria Helena Peixoto Kopschitz), de Filologia / Crítica Textual (Maximiano de Carvalho e Silva) e de Língua Latina (Rosalvo do Valle) nos cursos de graduação ou de pós-graduação, ou como ocupantes de cargos de direção, de chefia e de coordenação de cursos ou membros dos colegiados superiores da UFF, ou ainda como autores de obras de fundamental importância no campo dos estudos lingüísticos, filológicos e literários. Falou em nome dos homenageados o Professor Rosalvo

do Valle, que pôs em destaque a relevância do título outorgado e num retrospecto da vida da Universidade deu ênfase ao valor da iniciativa de contribuir de alguma forma para que se leve avante o projeto de fazer a história da Universidade Federal Fluminense, já com mais 40 anos de fecunda existência. Em seguida, o público presente teve oportunidade de ouvir o coral AUDITE NOVA do Instituto de Letras, sob a regência de Adelheid Mason, integrante do corpo docente da Unidade, que finalizou a apresentação com um poema do Padre José de Anchieta musicado por Heitor Vila-Lobos.

Para concluir os trabalhos, falou o Reitor da Universidade Federal Fluminense, Professor Cícero Mauro Fialho Rodrigues, em cujas lúcidas e firmes palavras se percebeu o nítido propósito da sua administração de patrocinar eventos semelhantes, como pontos de encontro de antigos e novos colaboradores do trabalho comum de valorizar e incentivar o progresso da vida universitária nos seus mais variados aspectos.
